

teólogo por ele escritos e publicados entre 1948 e 1980. Trata-se, em todos os casos, de temas eclesiológicos, em regra reportados à situação da Igreja ao tempo da sua escrita. O primeiro livro foi editado em 1967 e o segundo em 1969, sendo o âmbito temporal dos artigos mais vasto. A sua actualidade resulta, primeiro, do facto de que a preocupação e tema de fundo do então padre De Lubac é a do lugar que a Igreja e os cristãos devem ocupar na sociedade contemporânea; segundo, da essencial continuidade da crise da sociedade e da cultura de hoje em relação aos tempos que foram os daquele ilustre teólogo. Hoje, sem dúvida, parte deles mais agudizados e mesmo radicalizados, o que permite avaliar o alcance profético da sua análise.

Realçamos, do primeiro texto, temas como os da Igreja como mistério e paradoxo, as religiões humanas segundo os Padres da Igreja e a figura de Hams Urs von Balthasar como testemunha da Igreja. Na colectânea de artigos que preenchem cerca de metade das páginas do volume, avultam factos como o Concílio e Taizé, e figuras como Paulo VI, H. U. Von Balthasar, Jean Daniélou, Inácio de Loyola e Karol Wojtyła (este, ao tempo, ainda arcebispo de Cracóvia).

LUÍS SALGADO

CONFÉRENCE ÉPISCOPALE ITALIENNE (sous la direction de Bruno FORTE), **Lettre aux chercheurs de Dieu**, coll. «Documents d'Église», Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 140 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09226-5.

No tempo presente são muitos os que andam à procura do Deus vivo, não raro, como se exprime a constituição *Lumen*

Gentium, «tacteando nas trevas», imersos em inquietude sem saberem bem o que procuram, ou mesmo em desistência de procurar, resignados e desiludidos, mas sempre inquietos, sedentos e capazes de uma palavra de fé e esperança. A todos eles se destina, na mente de quem o elaborou e editou em primeira mão, o presente texto. E nem mesmo os que vivem em atitude de quem asfixia o Espírito, abafando a questão e a ela renunciando, são excluídos dos destinatários. Trata-se, no fundo, de propor a todos a Boa Notícia cristã que ilumina os caminhos da vida e o mistério do Além, com isso oferecendo resposta para o gravíssimo problema do sentido último do nosso existir. Preparado pela Comissão Episcopal para a Doutrina da Fé, presidida por Mons. Bruno Forte, a pedido da Conferência Episcopal Italiana e publicado, originariamente, com data de 9 de Abril de 2009, faz lembrar a *Lettre aux catholiques de France* (1996), da CEF, embora com razoáveis diferenças e, de facto, com uma bastante maior abrangência de destinatários. As Editions du Cerf oferecem agora, para outros públicos, a sua tradução em língua francesa.

O texto é proposto como um gesto de amizade, a convidar ao diálogo. Intencional e pedagogicamente, detém-se, na primeira parte, em reflexões sobre «As questões que nos unem»: felicidade e sofrimento, amor e fracassos, o trabalho e a festa, justiça e paz, o desafio de Deus. Uma segunda parte propõe as metas d'«A esperança que há em nós»: Jesus (de quem há registo histórico), Cristo (ou o Ressuscitado), Deus Pai, Filho e Espírito, a Igreja de Deus, a vida segundo o Espírito. A terceira e última parte concentra-se em «Como encontrar o Deus de Jesus Cristo», propondo caminhos para esse encontro: a oração, a escuta da Palavra de Deus, os sacramentos, o serviço e, finalmente, a vida eterna.

Tendo por detrás da sua elaboração bispos, teólogos, pastoralistas, catequistas e peritos em comunicação social, o modo de escrita resultou, apesar disso, ou talvez por isso, de grande simplicidade, muito terra-a-terra, de leitura atractiva e acessível a todos.

LUÍS SALGADO

LEDURE, Yves, **La rupture. Christianisme et modernité**, Lethielleux (Groupe Desclée de Brouwer), Paris, 2010, 202 p., 210 x 140, ISBN 978-2-249-62126-0.

O autor deste ensaio, que pretende ser de análise mas também e sobretudo uma proposta de abertura – ou de modelos de ultrapassagem – para o futuro da religião cristã e da própria sociedade, parte da observação de que o cristianismo, que sempre teve dificuldade em conviver com a modernidade, ainda não clarificou suficientemente as suas posições face á cultura contemporânea desenvolvida desde o Iluminismo. Na sua análise, teve a preocupação de seleccionar o que designa como zonas de fricção, ou memo de ruptura, entre um cristianismo fortemente enraizado numa tradição multissecular e uma modernidade tendente a ignorar a história que a precedeu.

Ao atribuir-lhe o título de «Ruptura», teve em mente a ideia de que não apenas se está em face de uma efectiva ruptura, com a emergência de um novo paradigma histórico, mas sobretudo de que «a ruptura pode tornar-se [ela mesma] um paradigma particularmente operacional, ao mesmo tempo para significar um estado de facto, mas mais ainda para indicar a energia e a criatividade que exigem, de uma parte e da outra, as épocas de passagem, de

transição, como aquela que nós vivemos.» (Avant-propos, p. 10). Trata-se de assumir esta como algo sem retorno, procurando acompanhar as transformações de costumes e de mentalidades, analisando-os e procurando compreendê-los na sua expressão cultural e social, longe de preconceitos ideológicos, a fim de perceber aí os desafios para o futuro.

Uma tal compreensão não pode continuar a olhar o ser humano na base de uma antropologia que vem da antiguidade grega e que o vê mais em abstracto que no concreto do seu existir real. A modernidade colocou (ou recolocou) em cena esse homem que existe sempre em sua singularidade e que não pode ser objecto de uma acusação como a de Feuerbach: «Para que Deus seja tudo, o homem deve não ser nada» (cit. p. 27). Nesta ordem de ideias, Deus não deve ser proposto pelo cristianismo, tanto enquanto Senhor do homem, como enquanto horizonte do seu acabamento. Nessa perspectiva, o próprio ateísmo deve ser visto como um humanismo inacabado (p. 33).

O autor desenvolve então um capítulo em torno da dialéctica do institucional e do místico. Parte da conhecida afirmação de Loisy – «Jesus anunciava o Reino e foi a Igreja que apareceu». Nessa dialéctica entram as da religiosidade interior e exterior, Igreja e Reino, ideal evangélico e realização histórica, santidade e pecado. Outro capítulo é dedicado àquilo que constitui a verdadeira diferença, que é também a verdadeira riqueza, do humanismo cristão: o mistério da Encarnação. Será preciso reassumir o primado deste mistério e das suas consequências para todo o ser humano e para o verdadeiro cristianismo, que terá andado demasiado preso ao lado divino de Jesus Cristo, com menor atenção ao lado humano. Outro capítulo, na linha de uma antropologia do